



Índice

Introdução	3
Cartas topográficas da região estudada	4-5
O Homem e o Rio	
- introdução	7
- Portagem	8
- Lendas da nossa terra	11
- Canastreiros	17
- As queijerras	18
- Gastronomia Popular	19
Aspectos zoológicos	
- introdução aos insectos	21
- introdução aos batráquios	34
- introdução às aves	38
Aspectos botânicos	
- introdução	45
Aspectos geológicos	
- introdução	55
- constituição geológica do concelho de Marvão	56
Aspectos físicos do rio	
- gráficos	59
(velocidade, débito, profundidade, largura, quantidade de oxigénio, temperatura e volume)	



Homem

e

Rio

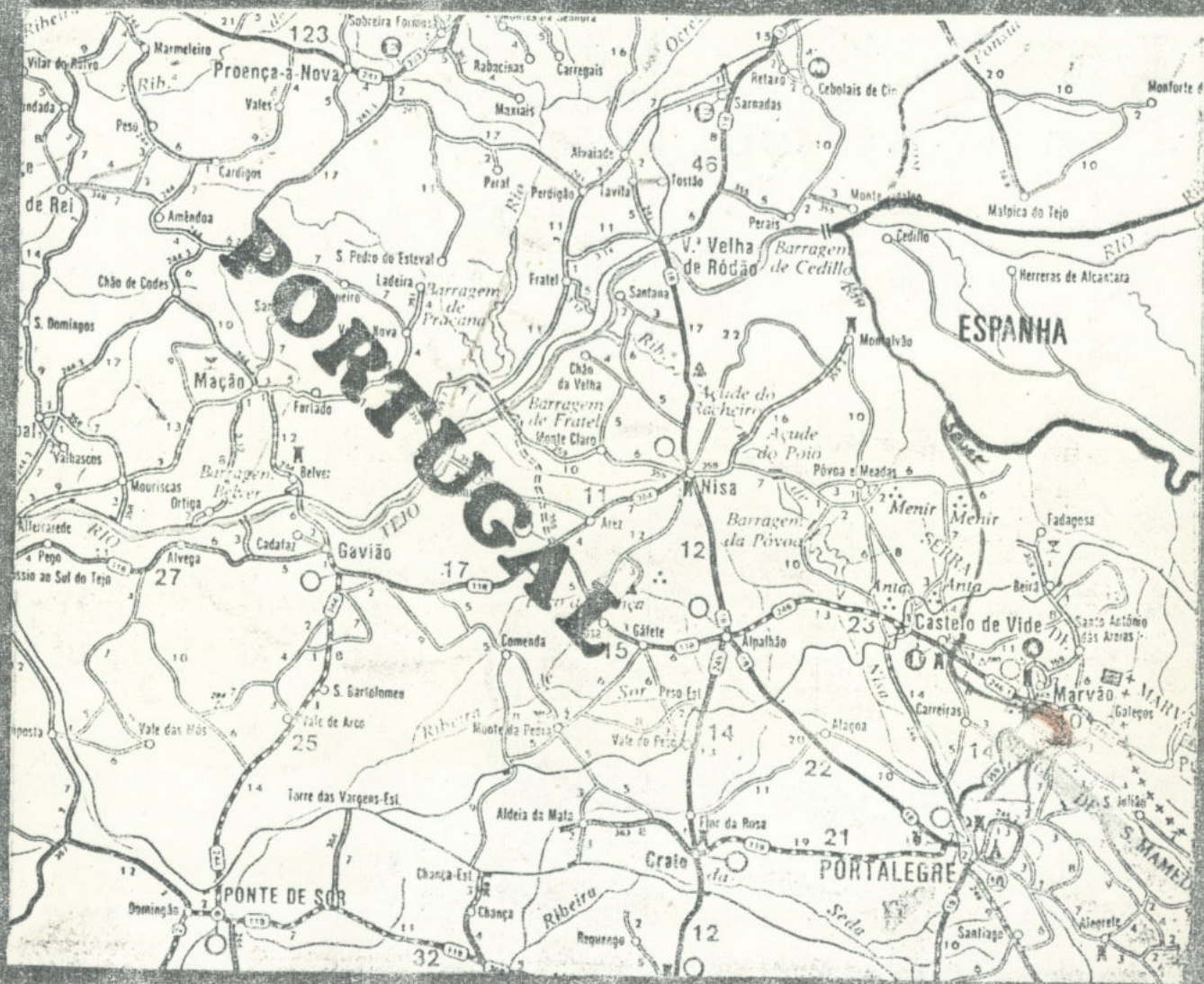
O CLUBE DE BIOLOGIA E GEOLOGIA DA SERRA DE S. MAMEDE, foi criado há cerca de cinco anos.

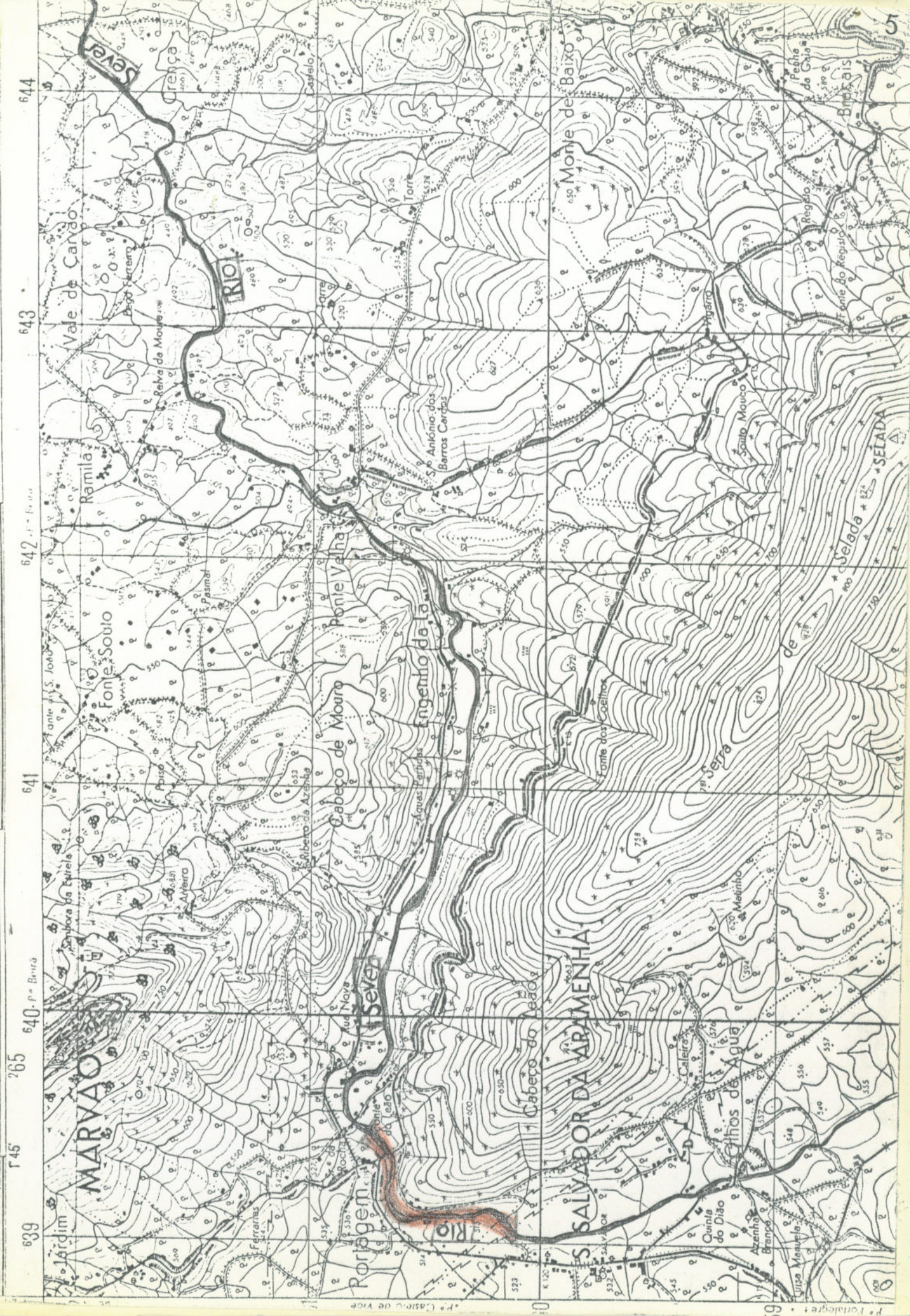
Nós, os que elaborámos este trabalho, somos um grupo de três jovens que vive em Portalegre, no Alentejo. Por sugestão de uma professora de Biologia, decidimos fazer parte do Clube, já que alguns membros tinham que, por diversas razões, sair.

Assim como nós, também outros jovens tiveram a oportunidade de conhecer e passar a fazer parte deste Clube, que na altura iniciava um projecto sobre o rio SEVER.

E, desta maneira, partimos à descoberta da bela região que nos rodeia e, em especial, à descoberta do rio SEVER!...







Desde os mais remotos tempos que o homem tenta sujeitar á sua vontade as forças da Natureza.

Vales, altas montanhas, densas florestas, os temerosos oceanos e o próprio ar, nada escapou à sua mente criativa pronta a idealizar as mais bizarras construções, os mais estonteantes mecanismos... E, assim a Natureza tornou-se, ela mesma, cúmplice da poderosa e indefinida imaginação do único ser pensante - o HOMEM.

Mas desta associação também resultaram coisas tão curiosas quanto maravilhosas, e é parte dessas coisas que nós tentamos descobrir já de seguida!



PORTAGEM

"Voltando à estrada de Portalegre para retrocedermos em direcção a Marvão, passando novamente pela igreja da Aramenha e deixando já à esquerda a bifurcação da estrada para Castelo de Vide, estaremos em breve, no sitio da PORTAGEM, cujo nome nos faz lembrar as portagens, locais das primitivas alfândegas onde os portageiros cobravam os respectivos impostos."

E é exactamente do imposto cobrado pela passagem da sua ponte sobre o rio Sever - a portagem - que deriva a denominação pela qual é conhecido o lugar, sem dúvida um dos mais pitorescos da região Alentejana.

Fertilíssimo e amplo vale, apertado entre terras bem conhecidas, irrigado abundante e fecundamente pelo Sever e seus inúmeros afluentes, este sitio é muito frequentado pelas populações dos concelhos de Marvão Castelo de Vide e Portalegre, que na Primavera raramente deixam escapar um dia de folga sem virem à Portagem para passear e comer as suas merendas!

(Descrição da Portagem)

"Oh minha querida Portagem,
Es do concelho heroísmo,
Da região estalagem
Para o nosso turismo

Com tua ponte romana
E tua grande piscina
Chega longe a tua fama,
Recreio que até fascina.

E também a ponte grande
Sobre o rio, seus outeiros
E a grande via pública
Que nos traz os estrangeiros

Tens talho, tens padaria
Restaurantes a fartar
Podem vir todos os dias
E descanso aqui gozar

Tragam sempre dinheirinho
Que faz falta ao português
Se trouxer bolsa vazia
Não deve ser bom freguês

Há certas opiniões
A desviar o teu progresso
Mas sem reuniões
Portagem, tens teu sucesso

Tu tens dois supermercados
Que até têm sua graça
Alugam-se também quartos
E há cá carro de praça

Tens serração de madeira
P'ra construção de bons móveis
Tens salão de cabeleireira
E oficina de automóveis

Tens cá belas cozinheiras
Casamentos, baptizados
Sapateiros e costureiras
De servir os interessados

Ainda boas touradas
Nunca tiveste touril
Mas há cá bom mat'rial
Para construção civil

Tens cá negócio de escadas
Feitas por mãos de artistas
Tens também boas estradas
E temos electricistas

Tens também lindas crianças
Que até têm boa escola
Somos fracos nas finanças
Mas temos cá telescola

Tem pedreiros e ferreiro
que são muito bons artistas
Tens carpinteiros, carteiro
Tens cá bons acordeonistas

Tens festa de grande brio
Com arraial aquático
Procissão à beira rio
Com este povo simpático

Temos prior de valor
Que nos dá felicidade
E ajuda a educar
Nossa linda mocidade"



LENDAS DA NOSSA TERRA

-A PONTE ROMANA

Como o próprio nome indica, a ponte data do domínio dos romanos, mas há quem atribua à ponte outra idade, fundando-se na lenda espalhada na região e tecida pela poética e fecunda imaginação popular num facto dos mais simples - a falta, desde sempre, de uma pedra no parapeito do resguardo!

Diz a lenda que os habitantes da região decidiram construir uma ponte já que o rio Sever nas quadras outonal, invernal e primaveril não dava fácil passagem obrigando-os a grandes rodeios.

Discutiam, então, os meios mais próprios de construir a desejada ponte, quando apareceu um cavaleiro desconhecido que se prontificou a fazer rápida e seguramente uma ponte. Este cavaleiro impunha, no entanto, uma condição - a entrega das almas de toda a população, que nada sofreria nesta vida, pois seria protegida por D. Belzebut, o misterioso senhor.

Visto isto e, pensando que se tratava de uma farsa, a população propôs-lhe uma coisa - eles cederiam à sua condição mas a ponte deveria ser construída num só dia!

E, assim, como homem de recursos que era, Lúcifer desenvolveu uma extrema actividade e, trazendo para ali todos os seus potentes e fabulosos servidores, contava ter a ponte feita antes do raiar do sol.

A população atónita, olhava a construção crescer assustadoramente em cada minuto. E teriam tido de entregar as suas almas se ninguém resolvesse extraviar uma pedra, impedindo que a ponte estivesse completamente pronta antes do nascer do sol e, consequentemente, impedindo que Satanás saísse triunfante.

-ORIGEM DO NOME DO "RIO SEVER"

Segundo diz a lenda, que a tradição nos transmitiu com mais ou menos variantes, a origem do nome do Rio Sever proveio do seguinte:

Em remota época, um cortejo com numerosas damas e cavaleiros que se dirigiam para os lados de Castela, já fatigados de tão longa viagem, resolveram parar junto às margens do rio que separa em grande extensão, o concelho de Marvão do concelho de Valencia de Alcantara, limitando assim, Portugal e Espanha.

Quando as damas se preparavam para arranjar os seus vestidos e os seus cabelos desgrenhados pelos solavancos da carruagem, repararam com enorme mágoa, que em nenhuma das arcas se encontrava um espelho, objecto indispensavel a qualquer dama que se prezasse. Compreender-se-á então o desespero que elas sentiam, diz-se mesmo que algumas chegaram a chorar!



Mas nada disto passou despercebido a um moço gentil e garboso cavaleiro da comitiva que, procurando remediaro embaraço, das formosas damas, disse-lhes que não tinham motivo para se entristecerem pois para substituir os seus espelhos, havia ali perto um belo rio de SE VER.

Como agradecida homenagem e para comemorar a gentil lembrança do moço cavaleiro puseram, então, as damas ao sitio onde haviam estado a pentear-se o lindo e ro-mântico nome de Porto de Cavalei-

ros, nome que ainda hoje se conserva e que a tradição liga a esta remota lenda.

-NO DIA DA SENHORA DA ESTRELA

" Os séculos correm, os anos vão-se acumulando, mas não são só as moirinhas gentis que soluçam no cativoiro em castigo pesado.

A Ribeira de Marvão assim chamada na boca do povo mas que afinal é o rio Sever, desliza espelhenta à sombra de frondosas nogueiras, de choupos verdejantes, de avelaneiras viçosas. Lá já para as proximidades da Espanha há a confluência com a Ribeira de Galegos. Uma encruzilhada num caminho, uma casa pobre e branquinha, um sol rutilante e... uma lenda. Escutemos a voz que vem de dentro da casa:

-Eh! rapariga!... Que fazes tu... posta a dares à língua?... E a li-da, quem a virá fazer, não me dirás?...

-Minha mãe...já vou.

Vinda de fora, junto ao muro que cerca o "quinteiro", uma moça linda e airosa, olhar negro muito brilhante, rosto fino mas moreno queimado pelo sol, trémula avança devagarinho transpondo a soleira da porta. É recebida com frases agressivas que ouve humildemente, de cabeça baixa e olhos lacrimosos.

-...Nada fazes bendito Deus! É uma canseira o andar todo o santo dia em cima de ti, para que ao menos pegues em qualquer trabalho! Maldita rapariga! Foste praga que me rogaram!

-Senhora mãe, mas eu...

-Tu, minha grande mandriona, és a filha dos meus pecados. É para tu estares à boa vida que eu morejo todo o santo dia do nascer ao pôr do sol, não é verdade?

-Mãe...Mas hoje é o dia da "Sinhô d'Estrela".-a voz tremula-lhe na garganta e não pode continuar. Com um pouco de forças e alentos chega-se mais junto da mãe erguendo para ela, meigamente, a cabeça juvenil, pede numa voz humilde mas confiante-Deixe-me ir à festa ver a procissão e o arraial.Toda a gente vai. Vai a Maria Rosa pesar a filha com trigo na balança da Senhora. A tia Ana vai também oferecer a "guergantilha" por uma promessa que fez quando o José foi para a guerra. A Antónia vai estrear a saia de "estamenha" amarela feita nos Olhos d'Água. deve ser tão lindo... Deixe-me ir mãe. Deixe-me levar a saia das barras de "cetilha", deixe-me levar o lenço de cachiné.

No entanto a mãe com um gesto brusco a afasta de si.

-Ora larga-me e deixa-te de lamúrias. Só pensas em festas bendito se ja o Senhor! A roupa a apodrecer e tu a pensares em te divertires. Quem

na vai lavar, não me dirás?

Amanhã... - aventura a desgraçada. Uma gargalhada estridente e brutal vem feri-la.

-Amanhã? Boa desculpa... Minha querida, hoje mesmo, pega na trouxa e caminha para a ribeira. -a filha empalidece e geme ainda.

-Hoje, Virgem Santa! Hoje, dia da "Sinhô d'estrela", dia santo de guarda !...

-Para ti todos os dias são dias santos de guarda. Pega na roupa e põe-te a marchar.

-Senhora mãe hoje não há trabalho. Nossa Senhora não gosta que se trabalhe no dia da sua festa.

-Não me importa saber que não goste. Quem manda sou eu que aqui ando a trabalhar por tua causa. -a rapariga, fronte vergada, não se move. Dos olhos caem-lhe gotas lindas como pérolas que limpa à renda do avental de florinhas verdes.

-Deixa-te de choradeiras e abala. Já te disse que não vais à festa e não vais mesmo. Maldita a hora em que tu nascestes! Anda, caminha, despacha-te, se não queres que te corra a chicote.

Levanta a pobre os olhos e vê a mãe tão decidida a executar o que disse que, suspirando, pega na roupa ensacada e a paços vagarosos sai da porta da casa materna, ao som das injúrias e pragas da que lhe dera.

-Não me apareças se não quando estiver tudo enxuto; e queira Deus que fiques lá para sempre, que te não veja mais!

Vergada ao peso da maldição materna, equilibra o fardo à cabeça, firmando as mãos trémulas nas ancas bem torneadas. Numa volta do caminho pára o olhar preso no movimento do povo distante. A multidão apinha-se. A procissão corre a vila, a Senhora pequenina, envolta no seu manto azul doirado vai espregando as benções sobre os filhos destas terras de Marvão.

A moça continua a descer a barreira até à ribeira. A sua volta, os campos desrtos, as pedras alvas do rio sem ninguém. Em lágrimas aproxima-se da corrente ajoelha no chão duro, desentrouxa a roupa e começa a bater os trapitos enxuvalhados, salpicando o peito de espuma de sabão... E continuou... continuou...

Reza ainda hoje o povo que o sol se pôs, a Senhora recolhera ao seu solar e os fiéis a suas casas. Um pintassilgo cantava num ramo de um

amieiro despedindo-se do dia que findava. As trindades tangiam ecoando pelas quebradas fora. Era já noite. Tudo, finalmente repousava no descanso da noite serena... Só interrompido pelo bater da roupa nas pedras do rio.

A tarefa da pobre não acabou, não acabará jamais! A noite deu lugar ao dia. Foi-se o luar veio o sol banhar a terra. AS andorinhas voltaram as águas do rio continuaram procurando o seu destino que nunca chega, isto um ano, outro ano, um século, uma eternidade!...E junto às águas que borbulham, a lavadeira, bate, bate, continua invisivelmente lavando e batendo o seu bragal.



Quem em dia de Nossa Senhora da Estrela passar perto da confluência da ribeira de Galegos com o rio Sever será surpreendido por aquele som. A moça devotada e cristã cumpre o seu fadário chorando a sua triste sorte...

Não se fala da mãe que por certo foi levada em noite de vendaval pelas bruxas, suas irmãs...¹¹

Tenho uma casa no campo
Fechada às sete trancas
Tenho uma burra lá dentro
Que zurra como tu cantas!

(resposta)

Cala-te aí boca aberta,
Goela de garrafão
Hei-de comprar uma cabrada
Para tu seres o meu cão!...

Indo rio abaixo até uma zona de quintas, que hoje estão praticamente abandonadas, iríamos outrora encontrar um sitio denominado "Castelhanas". Aí o rio encontrava-se realmente a limitar as terras de Portugal e Espanha. Mas as gentes nem por isso se sentiam divididas, afinal, tanto de lá como de cá, tinham de regar e tratar das suas hortas. E era nessas alturas, que as moças e os moços cantavam à desgarrada de um e de outro lado, talvez para tornar menos pesado o trabalho.

Por vezes as quadras tornavam-se bastante fortes e, como consequência, portugueses e espanhóis deixavam-se de falar por uns dias mas de certo que isso não durava muito; quando voltassem a regar ou a sachar, as alegres cantigas soariam por todo o vale de novo!



CANASTREIROS

Canastreiros na região
Há os de grande aparato
Há boa recordação
Cá no nosso artesanato

O fabrico artesanal de canastras é uma tradição que, com algum custo, ainda se vai mantendo. Poucos são aqueles que ainda se dedicam à arte de fazer canastras e, normalmente, os que a tal se dedicam têm mais de sessenta anos. A máquina substitui o homem e os objectos de plástico substituem as canastras.



Corta-se a madeira no souto, com quatro a seis anos. Depois, as varas são enterradas, conforme, três, cinco, seis meses, ou mais. Uma espécie de "conserva". Em seguida é passada pelo lume para aliviar. E vem descascar, a parelhar, talhar... e começa-se a fazer a canastra.

AS QUEIJEIRAS

O processo de fabrico do queijo usado no concelho é ainda antiquado é o mesmo que se adoptava em velhos e remotos tempos.

Logo de manhã cedo as ovelhas são ordenhadas no aprisco, recinto de forma rectangular rodeado de feixes de mato, dentro do qual se encontram as ovelhas. O leite é extraído para os ferrados, vasilhas de lata ou de barro e em seguida é coado com panos de estopa, coadores. Depois de coado deita-se-lhe o cardo, planta que se deita para coagular o leite, depois de pisado com uma mistura de sal. Passado uma hora tira-se a coalhada para uns pequenos cintos em forma de anéis, os assinchos, que estão colocados sobre a mesa. O liquido que sai depois de bem apertada a coalhada, é o soro, que se põe ao lume numa grande caldeira de cobre. O soro depois de fervido passa a denominar-se atabefe, liquido menos espesso e mais aguado, rescaldão, a parte mais grossa que costuma deitar-se em pequenas cestas redondas para formar o requeijão. Os queijos de pequeno diâmetro e, geralmente, com peso entre sessenta e cem gramas, depois salgados e postos a secar em tábuas, e voltadas cuidadosamente todos os dias para evitar o bolor. Passam daqui para umas camas de giesta, de centeio ou piorno colocadas em andaimes ou tarimbas.

As queijeiras funcionam de Março até ao S. Pedro, mas com labor mais intenso sobretudo, nos dois primeiros meses, tempo em que as pastagens são mais viçosas e por isso melhores e mais aperfeiçoados os productos então fabricados.

GASTRONOMIA

INGREDIENTES

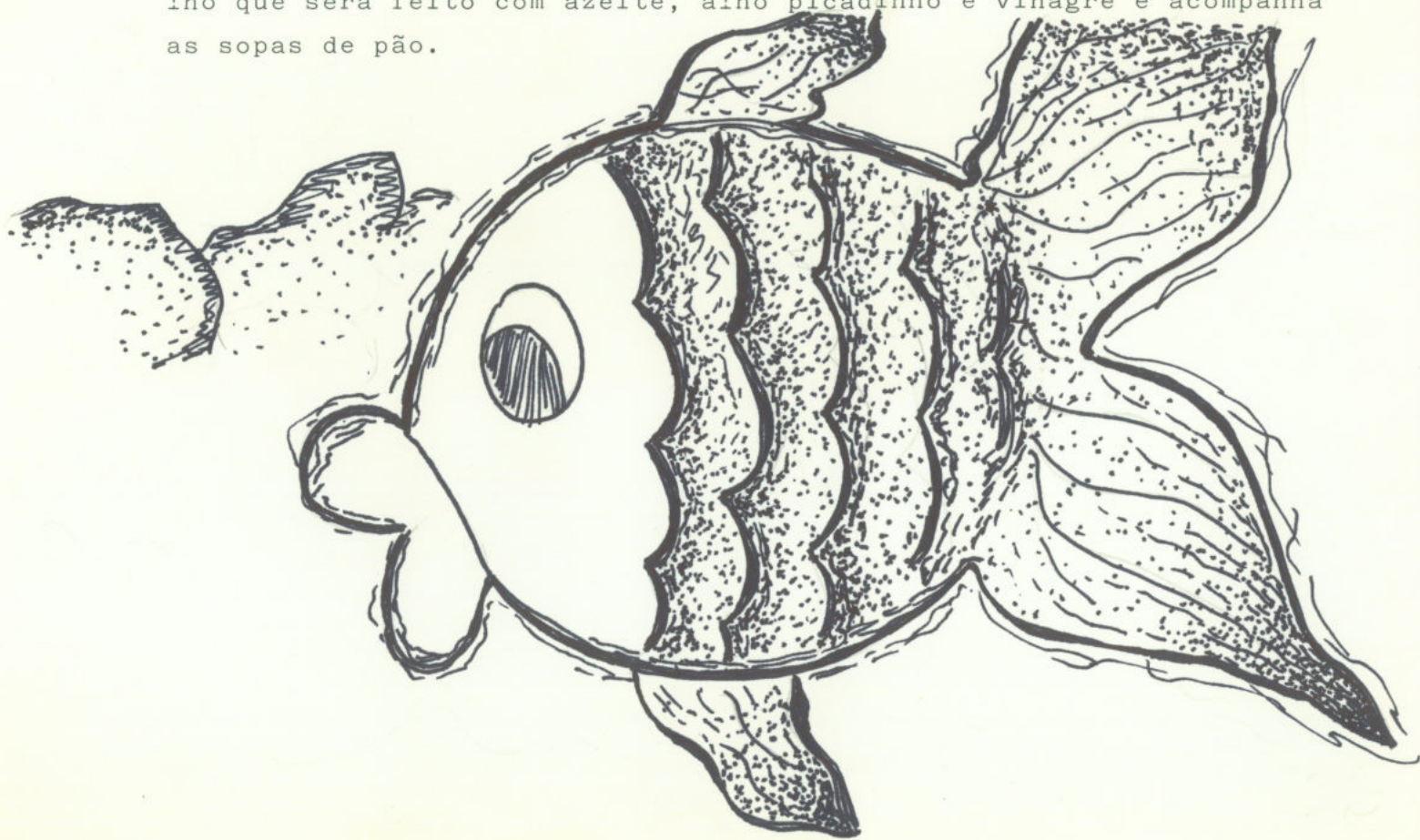
POPULAR

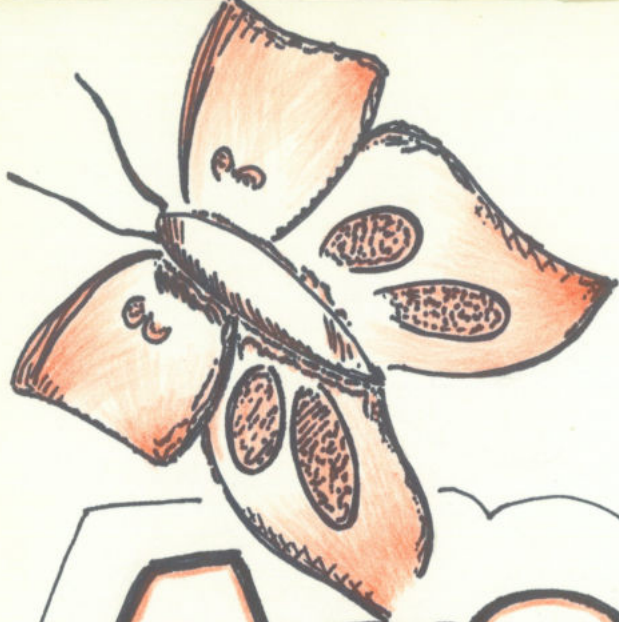
Azeite
Cebola
Tomate
Pimento
Alho
Poejo
Louro
Pimentão
Sal q. b.
Peixe
Vinagre

Receita de peixe do rio
à pescador

Faz-se um refogado que se deixa apurar bem, pôr depois a água suficiente para a sopa, (os pescadores, normalmente, usavam a água do rio) quando começa a ferver, pôr o peixe a coser, que se retira depois de cosido.

Numa trvessa funda pôr pão de trigo cortado às fatias pequenas e deitar por cima a água da sopa. O peixe que foi cozido leva um molho que será feito com azeite, alho picadinho e vinagre e acompanha as sopas de pão.





Aspectos



Zoológico

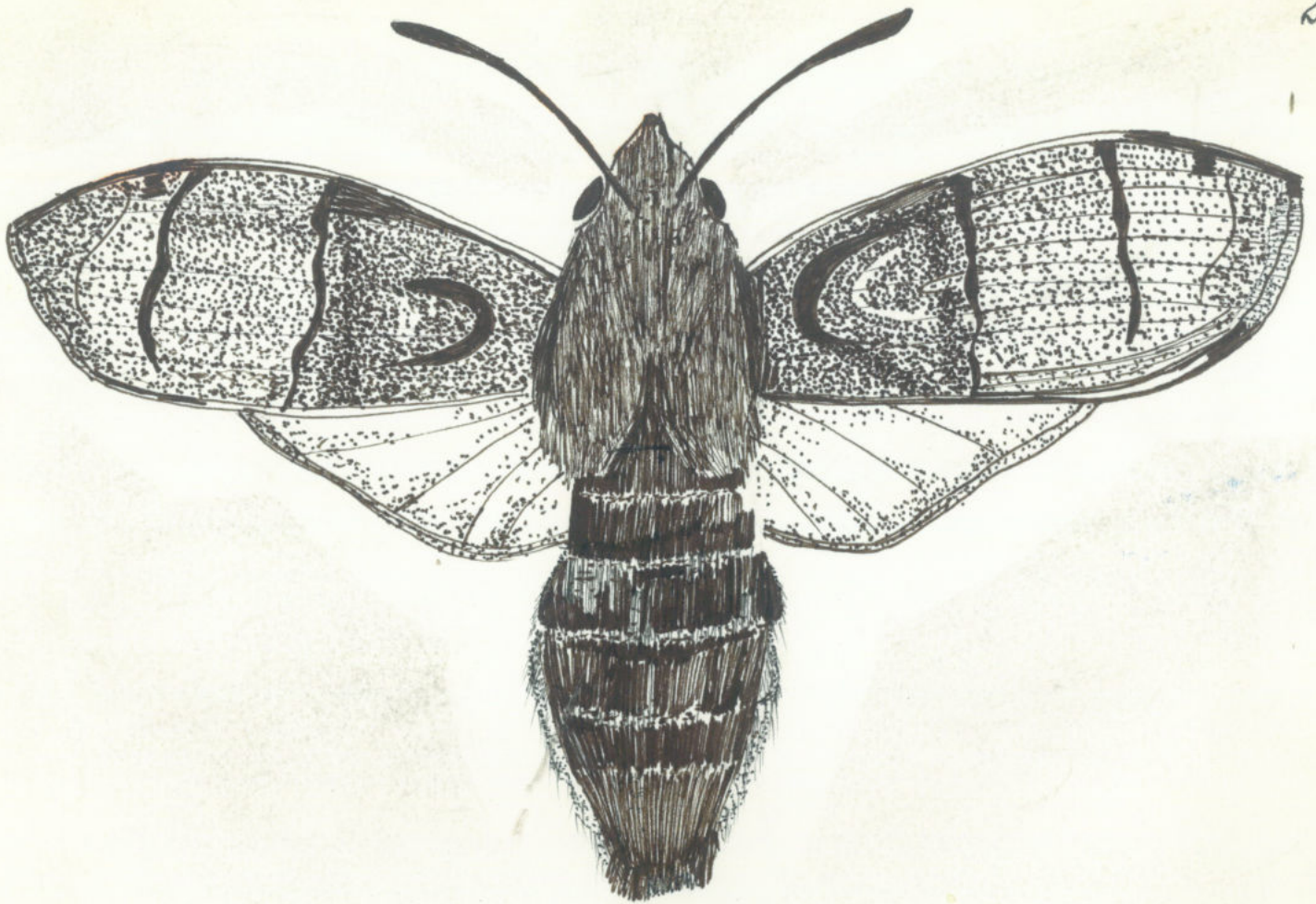


INSECTOS

Todos os insectos são constituídos ao mesmo plano. Todos têm seis patas, um par de palpos, chamados "antenas", e um corpo constituído por três partes: cabeça, torax e abdômen. A maioria dos insectos também possui asas, mas os lepismos e os tisanuros não as possuem. Diferentemente dos peixes, aves e mamíferos, os insectos não têm esqueleto interno. Possuem, em vez dele, uma camada dura que reveste o corpo. Este esqueleto externo proporciona ao insecto uma base firme para fixar os músculos.

Também impede que o corpo do animal seque. Mas a cobertura exterior não cresce com o insecto. Por isso, de vez em quando, um insecto em desenvolvimento abre a sua casca e sai dela com uma casca nova e maior.





classe: INSECTA
ordem: LEPIDOPTERA
família: ESFINGIDOS
gênero: MACROGLOSSUM
espécie: MACROGLOSSUM stellatarum

CARACTERÍSTICAS: As asas anteriores têm cerca de 2 a 2,5cm de comprimento. É um pequeno esfingídeo que se destingue por ter uma cauda na extremidade do abdómen, de cor branca e preta, onde se encontra escamas compridas que orientam o voo. As asas anteriores são pouco vistosas, castanhas, atravessadas por riscas e com pintas. As asas posteriores são cor de laranja ou amarelas.

HABITAT: Regiões soalheiras de escassa vegetação, encostas com arbustos, charnecas e orlas de florestas. Ao contrário de muitos outros esfingídeos, é activa de dia, até mesmo durante as horas mais quentes, nos bicos-de-pomba-maior, coentri-nho, bico-de-pomba-menor, erva-roberta, gerânio-sanguineo e outras flores. Em liberdade na natureza procura os soajos, marcavala-preta, erva-piperina e a saboeira para sugar o néctar.

ALIMENTAÇÃO: Espécies de Galium, como o galião e a solda-branca.



classe: INSECTA
ordem: HYMENOPTERA
superfamília: APOIDEA
gênero: XYLOCOPA
espécie: XYLOCOPA violacea

CARACTERÍSTICAS: São insectos grandes e de corpo robusto e em geral piloso. Possuem dois pares de asas transparentes e membranosas; as asas anteriores estão unidas às posteriores. O aparelho bucal está principalmente adaptado para morder mas também serve para lambar e chupar.

HABITAT: Fazem o ninho escondido entre touceiras do campo. O arranjo dessas habitações é muito simples, há alguns potes em que é armazenado o mel, aliás pouco e de má qualidade. Esses potes não são outra coisa senão casulos velhos, feitos pelas larvas durante a sua evolução. O facto mais curioso é o que se observa com relação ao início da criação das larvas. A fêmea depõe os ovos numa bola, que é uma mistura de pólen e mel; assim as pequenas larvas, encontrando desde logo o seu único alimento nas próprias paredes do berço, criam-se carcomendo a parede por dentro, engrossada por fora pelas abelhas obreiras. Com isto a bola inicial, pequena, vai crescendo e aos poucos tomando feições de abóbora-morango, com tantos gomos quantas forem as larvas, até que cada uma delas ocupe compartimento especial, que é a sua célula.

ALIMENTAÇÃO: Alimentam-se de pólen das flores.

O mel desta espécie não é utilizado pelo homem.

CARACTERISTICAS: Os membros deste grupo são excelentes voadores. Têm o abdômen comprido e estreito, antenas muito curtas, olhos enormes e patas dispostas em posição dianteira para apanhar os insectos de que se alimentam. Estes insectos têm uma coloração metálica e as asas, nos machos, apresentam uma mancha central azul. O lábio inferior da larva aquática, muito desenvolvido cobre a cara como uma máscara e pode despegar-se subitamente para apanhar pequenos animais aquáticos.

HABITAT: É frequente e amplamente distribuido em rios cujo curso é muito tranquilo e canais com abundante vegetação nas margens.

ALIMENTAÇÃO: A libélula caça insectos voadores, enquanto que a larva se alimenta de pequenos animais.

CURIOSIDADES: Geralmente o desenvolvimento deste insecto dura dois anos e a duração da vida do insecto adulto limita-se a duas semanas, aproximadamente.

Voa com um movimento de asas geralmente lento e inconstante durante as horas de sol e descansa pousada na vegetação.

classe: Batráquios
ordem: Anura
família: Ramidae
género: Rana
espécie: Rana ridibunda
nome vulgar: Rã comum

Rã grande e robusta mas, normalmente não excede os 10cm, só algumas fêmeas é que por vezes alcançam os 15 cm. Cabeça tão larga como comprida mas com focinho pontiagudo. Olhos juntos e salientes com pupilo horizontal. Tímpano grande e destacado. O dorso é ligeiramente verrugoso e de coloração muito variado, apresentando tons verde claro, misturados de variedíssimas maneiras e com manchas muito escuras.

Habitat: Encontra-se junto de qualquer água, mesmo que estejam contaminadas.

Encontra-se em toda a Península Ibérica. Espécie aquática e diurna, gosta de apanhar sol sobre plantas flutuantes. Nada com grande agilidade. A reprodução inicia-se no princípio do ano e prolonga-se até Maio.

classe: Batráquios
ordem: Anura
família: Ranidae
género: Rana
espécie: Rana patilarga

Identificação: É um animal de cerca de 7cm. É pequeno e compacto. Tem a cabeça mais larga que comprida. Olhos salientes e com pupilo horizontal. Tímpano pequeno, bem definido e com pequenas granulações características. Extremidades posteriores muito largas e com membranas interdigitais em quase todos os dedos. A coloração é muito variável, dominando no dorso tons claros, podendo apresentar manchas mais escuras. É uma rã muito ágil e boa nadadora.

Habitat: Espécie tipicamente de montanhas, encontra-se em alguns charcos, lagos, ribeiras de água fria e correntes ou à sua volta.

classe: Batráquios
ordem: Caudata
família: Salamandridae
género: Triturus
espécie: Triturus boscai L.
nome vulgar: Tritão-de-Ventre-Laranja

Os adultos têm entre 7 e 10 cm de comprimento total. As fêmeas são maiores que os machos.

Corpo redondo e elegante. Focinho redondo.

Dorso cinzento escuro, ou verde claro, muito variado, às vezes com grandes pontos negros. Partes inferiores alaranjadas.

Garganta amarela ou laranja claro.

Habitat: Encontra-se frequentemente junto a riachos de corrente lenta, charcos de águas límpidas.

Distribuição: parte mais ocidental da Península.

Animal aquático, pode passar todo o ano na água, mas normalmente no verão esconde-se atrás das pedras.

AVES

As aves são os únicos vertebrados, com a excepção dos morcegos que realmente voam!

Como são animais de sangue quente, podem viver em todas as zonas da Terra, desde o Ártico (torda-anã), ao Antártico (pinguins). Podem viver em todos os habitats, excepto nas montanhas mais altas e nas áreas desertas ou de gelos eternos, mas é verdade que têm sido vistas a sobrevoar essas áreas inóspitas.

A maior parte das aves têm de ser muito leves para conseguirem voar. E é no ar que estes esplendorosos animais, coloridos e activos, passam a maior parte do tempo, só vindo a terra para nidificar.





classe: AVES
 ordem: PASSAROS
 familia: CORVIDEOS
 género: GARRULOS
 espécie: GARRULOS glandarius
 nome vulgar: GAIO-COMUM

CARACTERISTICAS: O comprimento do gaio oscila entre os 33 e os 34cm.

É uma bela ave, muito alegre, de formas pesadas e cabeça forte.

A plumagem é castanho-rosada; as penas das asas são finamente listradas de azul e preto. O alto da cabeça é de um cinzento esbranquiçado, passando pelo castanho cor de fogo ao preto, consoante a raça. Quando voa deixa aperceber uma mancha branca que possui no dorso, junto à base da cauda.

Emite um grasnido desagradável, forte e rouco.

HABITAT: O gaio gosta de áreas arborizadas, nomeadamente de pinhais, olivais e montados.

Estas aves voam habilmente por entre os ramos mais densos, saltitando de ramo em ramo. No período de nidificação, vivem muito escondidos e silenciosos; em contra partida, quando migram, no Outono, mostram-se abertamente e são sociáveis.

Quando procuram comida, chegam a vir até junto dos campos nas orlas das florestas, onde apanham sementes caídas, debicando, por vezes, nas batatas.

ALIMENTAÇÃO: O gaio-comum come de tudo, embora a sua planificação alimentar varie consoante o que tiver à sua disposição.

No Verão, têm prioridade os insectos, não lhe escapando, porém, um ninho de onde possa retirar os ovos ou os filhotes. Caça também avezinhas novas que tenham começado a voar e até aves adultas que prendem com as patas, matando-as com o bico, sem se ralar com a gritaria dos bosques que para ali se dirigem. É por causa deste procedimento tão chocante que os gaios são caçados na Alemanha, embora também sirvam para comer.



classe: AVES
 ordem: PASSAROS
 familia: FRINGILIDOS
 género: SERINUS
 espécie: SERINUS serinus
 nome vulgar: MILHEIRINHA

CARACTERISTICAS: A milheirinha tem cerca de 11cm de comprimento. Tem uma forma arredondada e caracteriza-se pela sua plumagem de numerosas riscas :as partes superiores são de um castanho amarelado com riscas castanho escuro, as partes inferiores são de um amarelo vivo com riscas castanhas ou brancas.

A fêmea é menos amarelada que o macho e tem mais riscas.

Esta ave tem um voo rápido e ondulado. É bastante sociável.

O canto que emite é rápido e chilreante, é uma espécie de mistura de breves sons agudos.

HABITAT: A milheirinha povoa grande parte dos parques, jardins e vinhas da nossa região.

Podemos encontrar os seus ninhos, construídos com substâncias vegetais, em árvores ou arbustos.

ALIMENTAÇÃO: Esta ave alimenta-se de substâncias vegetais, nomeadamente bagas e grãos:



classe: AVES

ordem: RAPINAS

familia: ESTRIGIDEOS

gênero: STRIX

espécie: STRIX aluco

nome vulgar: CORUJA-DO-MATO

CARACTERISTICAS: É uma coruja de cabeça grande, de tamanho médio e ausência de penachos. A sua plumagem tanto pode ser castanha como cinzenta. Olhos grandes, quase pretos. O seu canto de acasalamento é choroso, em dois tons: um agudo "qui-uuic" um canto grave e arrastado, precede um "guh" seguido, depois de um intervalo, por um rápido "guh-guh".

Os filhotes, depois de saírem dos ninhos, dão vida a toda a floresta com os seus estridentes chamamentos, tipo guinchos.

Embora a coruja-do-mato seja uma ave preponderadamente noctívaga, nos dias de sol no Inverno, mostra-se à entrada do ninho.

HABITAT: Estalaverhabita áreas arborizadas, como velhos bosques, ou terrenos de cultura.

Constrói o ninho em troncos ocos, em velhos ninhos de aves grandes, ou até em edificios antigos e tocas de coelhos.

Como ave puramente nocturna e sedentária, só raramente é vista, podendo-se no entanto, ouvir o seu canto, em noites serenas de luar, mesmo a quilómetros de distância.

ALIMENTAÇÃO: A coruja-do-mato é caçador destemido, podendo dominar, com as suas garras, presas do tamanho de ratas e pombos. No Verão, a sua alimentação compreende essencialmente ratos e musarenhos, com os quais pode fazer uma reserva junto ao ninho. No Inverno, também caça nos parques, sobretudo os melros da cidade, isto apesar do berreiro que eles fazem. As corujas-do-mato estabelecem um tal burburinho junto dos lucais onde as pequenas aves pernoitam, que estas, ainda entontecidas de sono, levantam voo, sendo então agarradas.

O voo da coruja-do-mato é quase totalmente silencioso.

classe: AVES

ordem: PASSAROS

familia: FRINGILIDEOS

género: COCCOTHRAUSTES

especie: COCCOTHRAUSTES

nome científico: *coccothraustes*

nome vulgar: BICO GROSSUDO



CARACTERISTICAS: Mede cerca de 18cm. Tem um bico muito grande e grosso, a pequena cauda apresenta a ponta branca e tem pequenas manchas, igualmente brancas, na parte alta das asas negro-azuladas. Cabeça de cor acastanhada, dorso de um pardo intenso, partes inferiores de cor parda rosada claro, com garganta preta. O bico é, geralmente, da cor do aço.

A fêmea é de uma coloração mais clara e o jovem tem riscas parda e com uma mancha parda na garganta.

Em voo é rápido e leve; no chão, mostra-se circunspecto e lento, saltitando ou caminhando com o corpo aprumado. A maior parte das vezes, frequenta a copa das árvores, de onde emite sonoros e penetrantes "chip-chip"; também podem ser vistos no chão, onde vão buscar frutos que tenham caído.

HABITAT: Habita as florestas de folha caduca e matas mistas, com árvores velhas, pomares e parques. No Inverno é também um hóspede assíduo junto aos comedouros.

ALIMENTAÇÃO: É especialmente formada de grãos que retiram dos caroços de frutos. Uma família de bico grossudos numa cerejeira é uma verdadeira calamidade: as aves descarnam cuidadosamente os frutos, fazendo esguichar o sumo para chegarem ao caroço da cereja. Então, rodam-no no bico com o auxílio da língua até a parte mais fraca ficar voltada para cima; nesta altura, partem o caroço com a língua e retiram a semente e, com um abanar da cabeça, atiram as cascas fora.

Apreciam também os frutos das faias e do girassol. Também vão às bagas do zimbro e não recusam insectos, como alimento suplementar, esmagando com facilidade os escaravelhos mais corajados.



Aspectos

Botánicos



Sabendo que, a vegetação natural em dada região é consequência de um equilíbrio, conseguido através dos séculos, das condições climáticas, geológicas, hidrológicas e orográficas, não há dúvida que, a presença de espécies vegetais, devidamente referenciadas em cada local, nos dará implicitamente preciosas indicações sobre as características dessa região.

É certo que, desde os tempos mais ou menos recuados, o homem terá alterado o equilíbrio biológico ou destruído em maior ou menor extensão as matas naturais quer para conseguir terrenos de cultivo ou áreas Urbanas, quer para a obtenção de madeiras ou outros productos de natureza vegetal. No entanto, apesar das formações actuais nem sempre corresponderem às primitivas, não resta dúvida que ainda se mantêm núcleos de vegetação espontânea que oferecem valiosos elementos sobre a ecologia local.

Para além disso, a vegetação natural imprime um cunho característico a cada região e daí o interesse sob o ponto de vista paisagístico, em preservar, tanto quanto possível, a formação natural ou tractos dela.





classe: DICOTILEDÓNEA
ordem: SIMPÉTALAS
familia: PRIMULACEAE
gênero: ANAGALLIS
espécie: ANAGALLIS arvensis
nome vulgar: MORRIÃO

CARACTERÍSTICAS: Planta de 6 a 30 cm, caule débil e quadrangular. Folhas opostas, obtusas e ovais com cerca de 5 a 20 mm. Flores com cinco pétalas escarlates, lóbulos de aproximadamente 7 mm de comprimento e 6 mm de largura, escondidos na parte inferior. Os frutos têm cerca de 20 a 22 sementes.

HABITAT: Campos ricos em nutrientes, jardins, campos de cereais até uma altura máxima de 1600 m

DISTRIBUIÇÃO: Zonas europeias de influências oceânicas.

Planta indicativa de limos e nutrientes. Flores polínicas e o polén, que não é utilizado, alimenta os insectos polinizadores, mas a planta autopoliniza-se também.



classe: DICOTILEDÓNEA
ordem: SIMPÉTALAS
familia: SCROPPULARIACEAE
género: DIGITALIS
espécie :DIGITALIS purpurea
nome vulgar: DEDALEIRA

CARACTERÍSTICAS: Planta de 50 a 100 cm. Bienal, vivaz, sem madeira, herbácea, erecta. Flores de cor púrpura, grandes e tubulares, com algumas manchas brancas e negras, no interior. Espiga alta e delgada, não ramificada; lóbulos ovais e pontiagudas; folhas de 15 a 30 cm de comprimento, grossas, ovais e peludas.

Floresce de Julho a Setembro.

HABITAT: Bosques, montanhas, caminhos florestais. Prefere solos argilosos, pobres em cal.

DISTRIBUIÇÃO: Principalmente na parte centro e oeste da Europa.

A planta necessita de climas húmidos e de Invernos temperados para se desenvolver. As flores tubulares são polinizadas por abelhas. As sementes são disseminadas pelo vento e só germinam à luz.

É uma planta importante desde há muito tempo e actualmente tem grande importância para a elaboração de produtos farmacêuticos. Das suas folhas extrai-se a digitalina.

classe: FILICINAS

ordem: FILICALES

familia: POLIPODIACEAE

gênero: ATHYRIUM

espécie: ATHYRIUM filix-femina



CARACTERISTICAS: Planta herbácea, vivaz, de rizoma anegrado, curto e vertical; folhas com 20 a 150 cm, ténues, dispostas em tufo, caducas, pecíolo menor que o limbo, esverdeado claro tornando-se escuro na base, nu mas escamoso na base; limbo lanceolado; segmentos de 2ª ordem verde-amareladas, ténues, oblongas, penatilobados a penatifendidos, soros dos sais, oblongas com indúcio fimbriado.

Este feto ripícola, próprio de ravinas e margens de cursos de água. Aparece em locais bastante humidos e sombrios, em solos não calcários e altitudes que raramente atingem os 1000 m.

classe: DICOTILEDONEAS
ordem : DIALIPÉTALAS
família: PAPAVERACEAE
gênero: PAPAVER
espécie: PAPAVER rhoeas
nome vulgar: PAPOILA

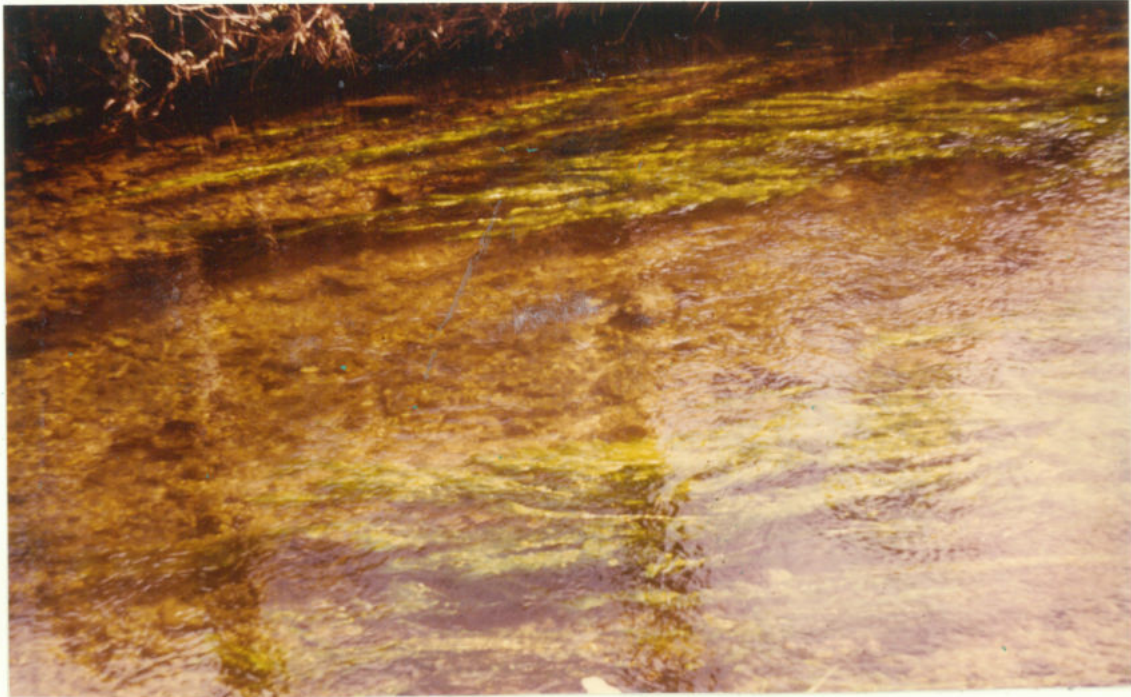


CARACTERÍSTICAS: A altura desta planta pode variar entre os 20 e os 80 cm. É uma planta anual, de caule erecto, piloso e ramoso. As folhas são muito divididas em segmentos estreitos, e toscamente serradas. As flores são vermelhas e frequentemente maculadas de preto na base (Maio- Julho), solitárias na extremidade de um comprido pedúnculo, efémeras, cálice com duas sépalas, corola com quatro pétalas, com pré-floração enrugada, estames pretos-azulados; têm cápsula curta, ovóide, glabra, deiscente por poros abertos sob o disco estigmatífero; numerosas sementes pretas.

Estas plantas têm cheiro pouco intenso, viroso e têm sabor amargo.

HABITAT: Existe na Europa e é frequente em quase todo o país até à altitude de 1700 m.

classe: DICOTILEDONEA
ordem: DIALIPETALAS
familia: RANUNCULACEAE
género: RANUNCULUS
espécie: RANUNCULUS fluitans



CARACTERÍSTICAS: Planta que pode ir de 50 a 600 cm. Planta sem folhas flutuantes, as folhas estão divididas em lóbulos dispostos paralelamente. Têm entre 7 e 5 cm de comprimento, semelhantes a pinceis fora de água. Caules flutuantes; flores de 1,5 ou 2 cm de largura com cinco pétalas e cinco sépalas.

HABITAT: Disseminada em fontes de água e cursos de águas frias, de corrente rápida e ricas em oxigénio.

DISTRIBUIÇÃO: Centro da Europa,

Os frutos não são disseminados pelos insectos porque a água o impede, mas sim pela própria água e pelas aves aquáticas.



classe: MONOCOTILEDONEAS

ordem: GRAMINDAS

familia: ARACEAE

gênero: ARUM

espécie: ARUM maculatum

nome vulgar: JARROS DOS CAMPOS

CARACTERISTICAS: Planta de 15 a 50 cm de altura; floresce de Abril a Maio. As flores estão envolvidas por uma espécie de folha que forma uma capa pontiaguda. Os frutos são bagas vermelhas e venenosas reunidas em espiga.

HABITAT: Bosques, com abundantes substâncias nutritivas e ricas em húmus, ou junto de ribeiras. É raro ser encontrada acima dos 1000 m de altitude. A polinização desta planta resulta de um processo perfeitamente preparado:

A planta desprende substâncias voláteis e de cheiro desagradável. Este aroma atrai as moscas, as quais se precipitam no interior da armadilha não podendo de lá sair por causa das paredes resvaladiças. Entretanto, inicia-se a floração feminina; os estigmas segregam uma substância para alimentar os insectos e, deste modo eles polinizam as flores com o pólen que levam agarrado. No dia seguinte abrem as flores masculinas e os insectos abastecem-se de novo de pólen. Ao mesmo tempo o cheiro desaparece e os insectos são libertados.



classe: DICOTILEDONEAS
ordem: DIALIPETALAS
familia: UMBELLIFERAE
gênero: ANGÉLICA
espécie: ANGELICA sylvestris
nome vulgar: ANGÉLICA

CARACTERISTICAS: Planta de 1,30 a 2,50 m de altura. Bienal, com caule castanho avermelhado, muito robusto, ramificado; folhas verde escuro nas duas faces; tem cerca de 6 a 12 cm de comprimento. Folhas com largas umbelas hemisféricas, com 20 a 30 raias. Pétalas brancas e esverdeadas antes da floração. Fruto oval de 4 a 6 mm de comprimento.

HABITAT : Prados húmidos, ricos em nutrientes; bosques; matas; junto a ribeiras.

DISTRIBUIÇÃO: Quase toda a Europa.

Toda a planta tem óleos voláteis, cuja acção como um reconstituente tem sido utilizada há muito tempo em casos de reumatismo, inflamações cutâneas e também úlceras gástricas. Mesmo assim utilizam-se estes óleos como componentes de alguns licores



classe: DICOTILEDÓNEAS
ordem: DIALIPÉTALAS
família: PAPAVERACEAE
gênero: CHELIDONIUM
espécie: CHELIDONIUM majus
nome vulgar: CELIDÔNIA

CARACTERÍSTICAS: Mede 30 a 70 cm. Planta vivaz, herbácea, cuja vida e desenvolvimento dura vários anos, no entanto, a sua parte aérea, praticamente desaparece todos os anos, permanecendo vivos unicamente os seus elementos subterrâneos. Pode-se observar a parte aérea na época compreendida entre Fevereiro e Junho a uma altitude que varia do nível do mar até aos 1400m.

Folhas grossas e divididas. Flores amarelas douradas, com quatro pétalas. Frutos que podem ter 5cm de largura. Látex de cor alaranjado muito característica.

HABITAT: Vive em lugares húmidos como ervaçais, caminhos, muros, sebes, cercas, matas, margens de bosques, parques descuidados, etc, com tendências nitrófilas.

DISTRIBUIÇÃO: Em quase toda a Europa. As sementes são disseminadas pelas formigas que se alimentam do eleossoma. Esta planta é também utilizada em medicina popular pois são-lhe atribuídas numerosas virtudes; é provavelmente eficaz contra as verrugas.

阿拉伯

阿拉伯

A Geologia é o estudo da Terra. Como tal, abarca todas as demais ciências e trata da história da Terra, da sua estrutura, das forças que a modelam e das formas de vida que nela existiram no passado. Sendo uma matéria tão ampla, subdivide-se em outras ciências especializadas que estudam os mais diversos aspectos. Muitas delas têm nomes grandes e bastante impressionantes mas são só isto: nomes que servem para distinguir, na Geologia, uns ramos dos outros.

A mineralogia, por exemplo, trata dos minerais; a petrologia, da vida animal e vegetal fossilizada; a geomorfologia, da paisagem; a geofísica e a geoquímica, dos processos físicos e químicos que tiveram lugar na Terra e que ocorrem actualmente...



A Geologia é o estudo da Terra. Como tal, abarca todas as demais ciências e trata da história da Terra, da sua estrutura, das forças que a modelam e das formas de vida que nela existiram no passado. Sendo uma matéria tão ampla, subdivide-se em outras ciências especializadas que estudam os mais diversos aspectos. Muitas delas têm nomes grandes e bastante impressionantes mas são só isto: nomes que servem para distinguir, na Geologia, uns ramos dos outros.

A mineralogia, por exemplo, trata dos minerais; a petrologia, da vida animal e vegetal fossilizada; a geomorfologia, da paisagem; a geofísica e a geoquímica, dos processos físicos e químicos que tiveram lugar na Terra e que ocorrem actualmente...



CONSTITUIÇÃO GEOLÓGICA DO CONCELHO DE MARVÃO

1156

A constituição geológica do concelho de Marvão é variada e rica, apresentando o xisto com retalhos quartzíticos e uma região granítica assentada de calcários dolomíticos.

O geólogo Nery Delgado, ao estudar os terrenos paleozóicos de Portugal afirma terem-se descoberto na Serra de S. Mamede, próximo da fronteira, xistos encerrando impressões e moldes muito deformados de fósseis. Descrevendo a faixa ocupada por estes xistos, marca-lhes uma zona estreita de cerca de 800 metros de largura, seguindo pelo fundo de um vale na extensão de uns 15 quilómetros, desde a fronteira, ao norte, até S. Salvador da Aramenha, ao noroeste, sempre alinhando na direcção N, 50° O.

Correndo paralelamente a esta faixa devoniava, à distância de 3 quilómetros para o nascente e, como ela, penetrando pela Espanha dentro, levanta-se uma possante crista de quartzites, que, formando o alto das Esparoeiras, na raia, termina abruptamente do lado do noroeste, estendendo-se depois para sueste sobranceira à povoação espanhola do Pino. A colina de forma alongada sobre a qual assenta a vila e fortaleza de Marvão, é constituída por uma possante massa de quartzites silurianos de bibobites, atingindo a altura de 862 metros, e está situada no prolongamento do alto das Esparoeiras a que acabámos de nos referir.



AS

ASPECTOS

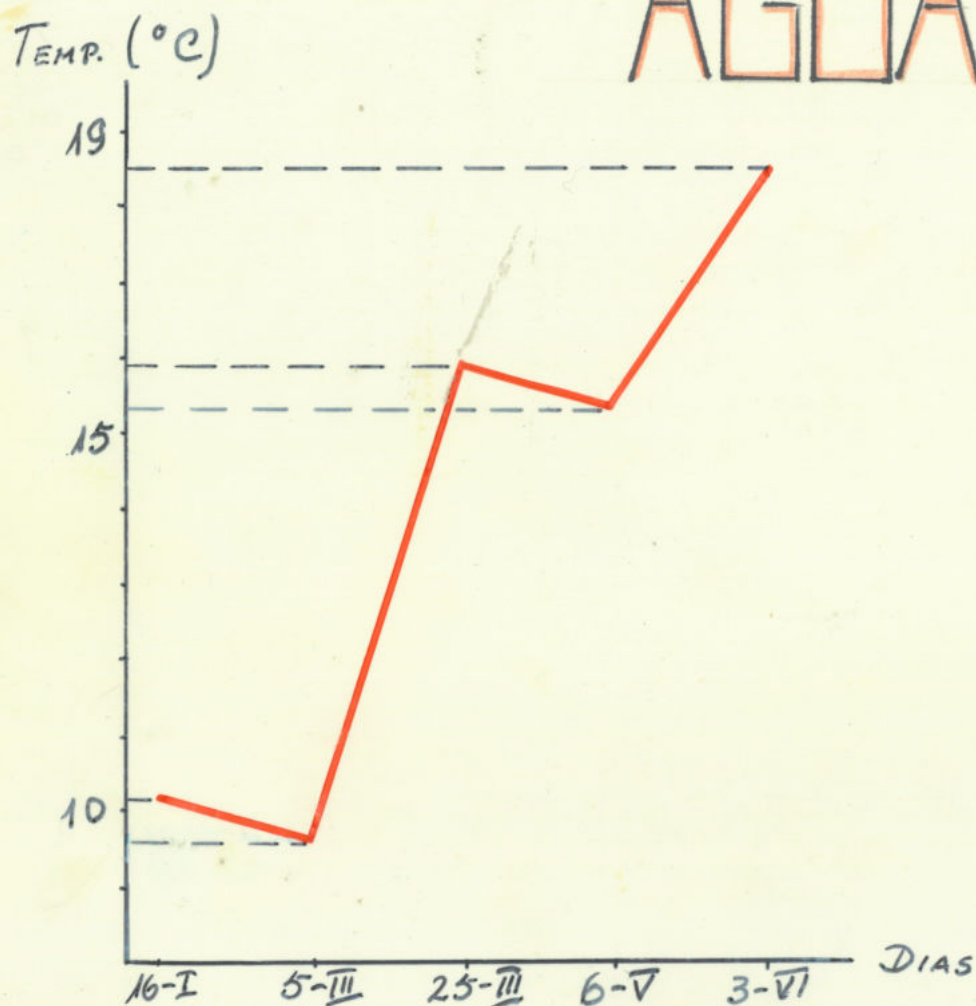
FÍSICOS

DA

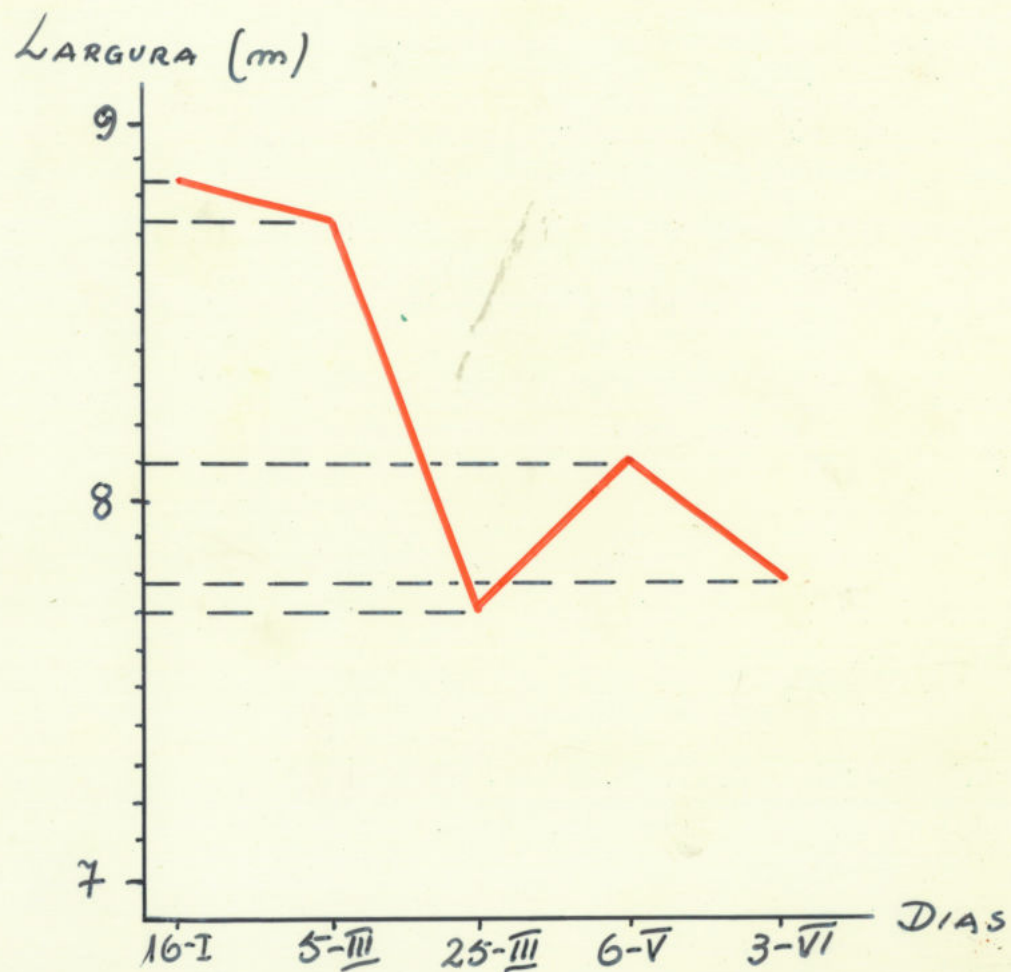
RIA SEVER



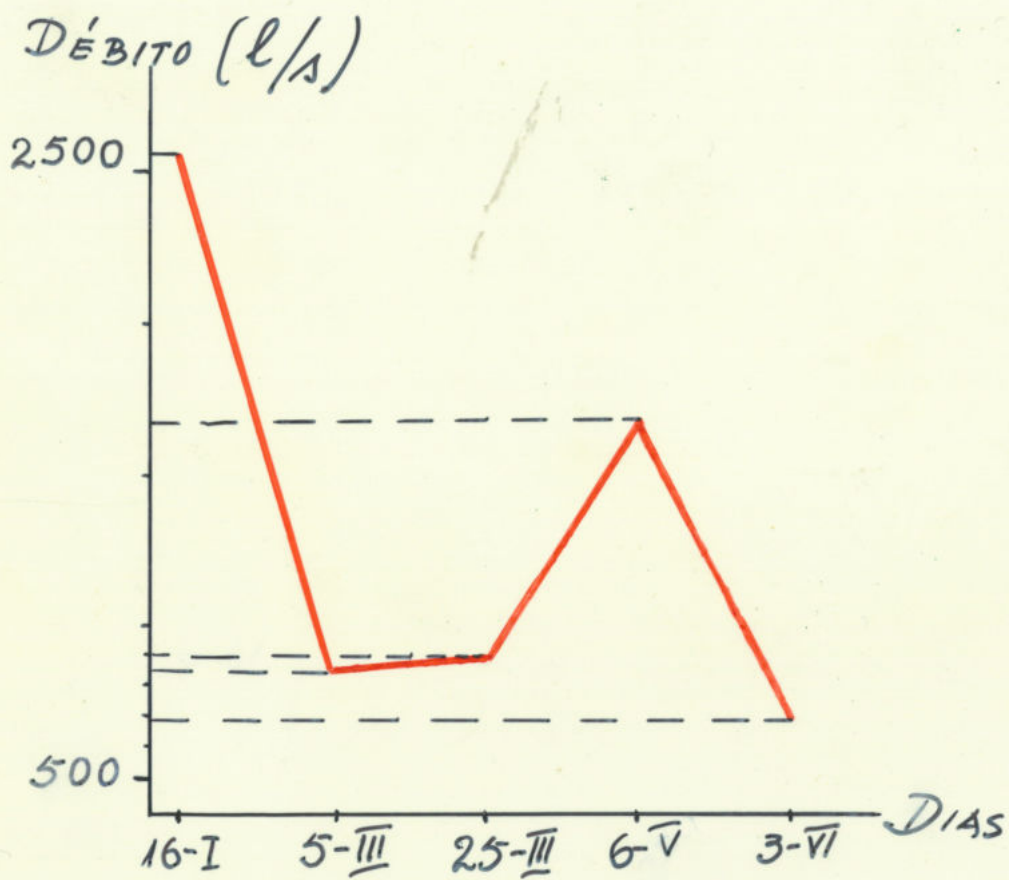
TEMPERATURA DA ÁGUA



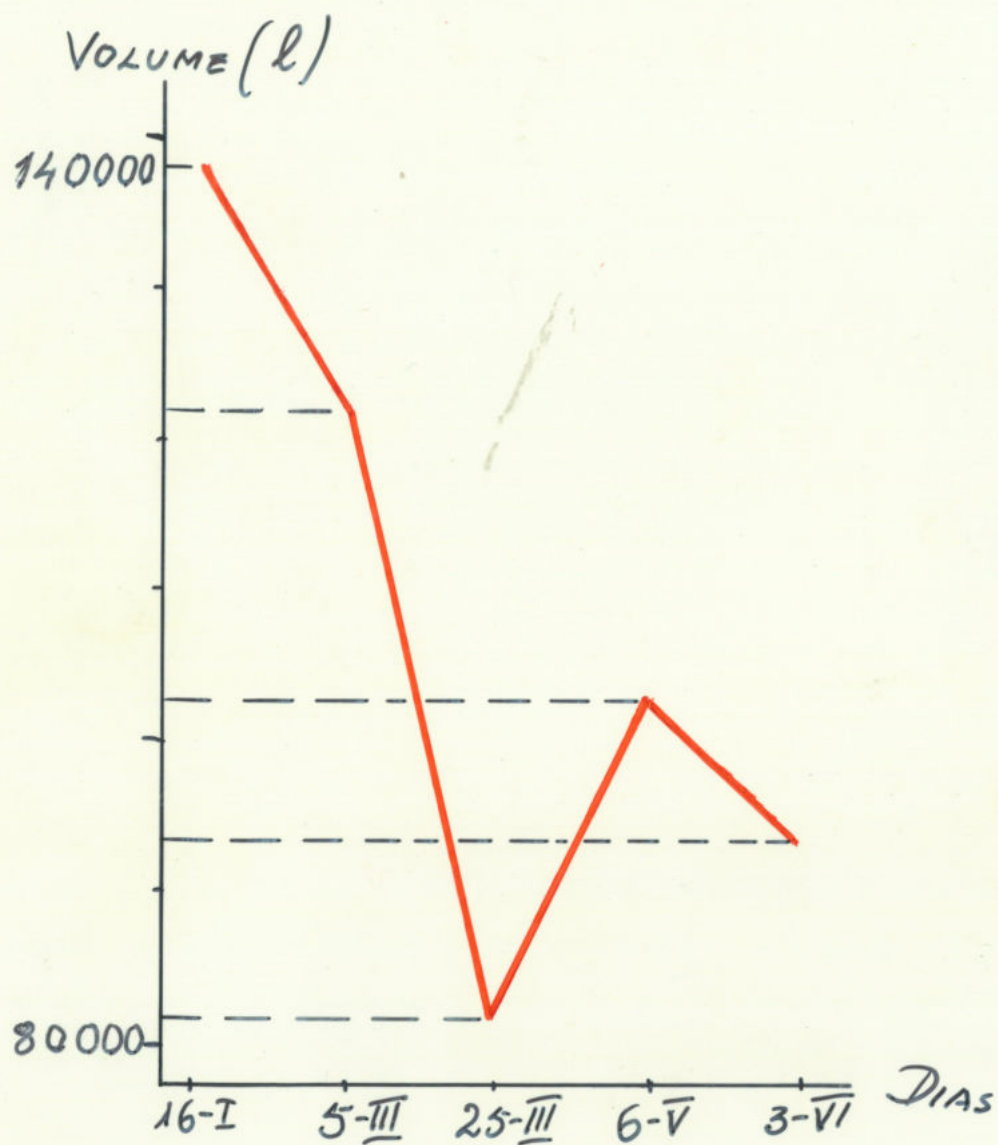
LARGURA



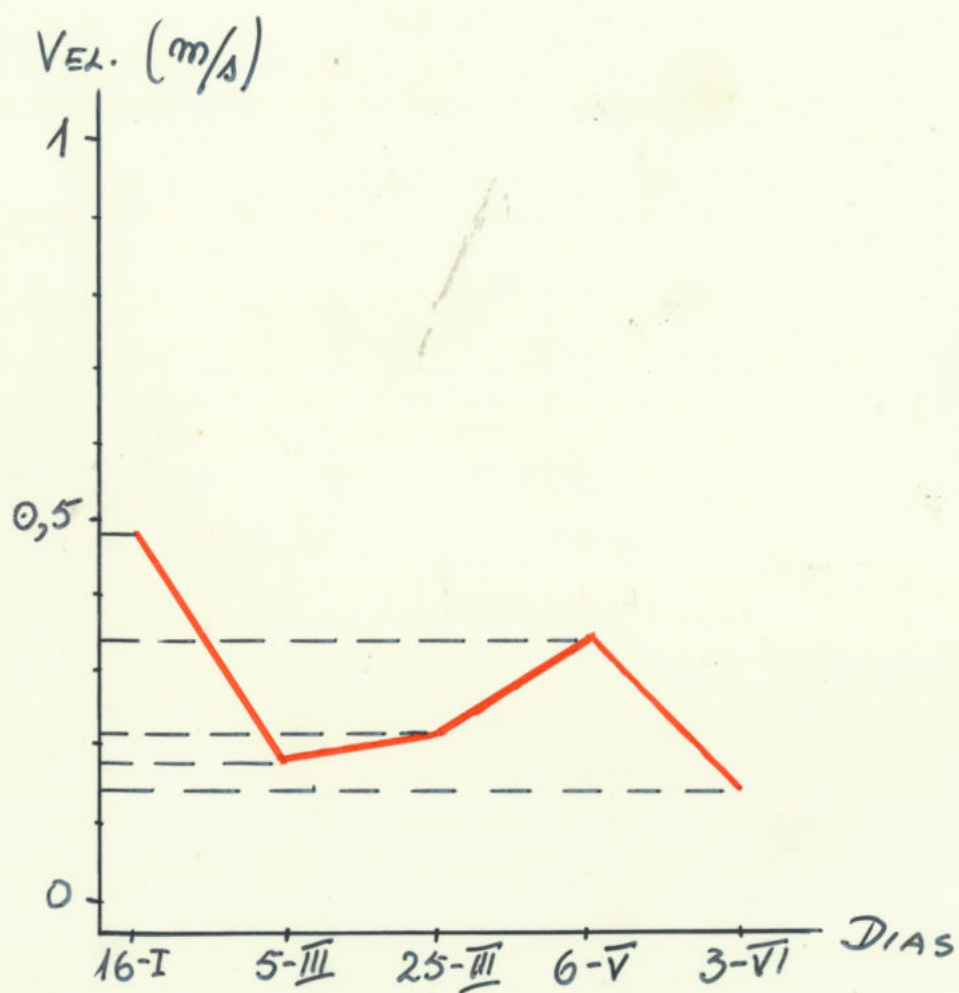
DÉBITO



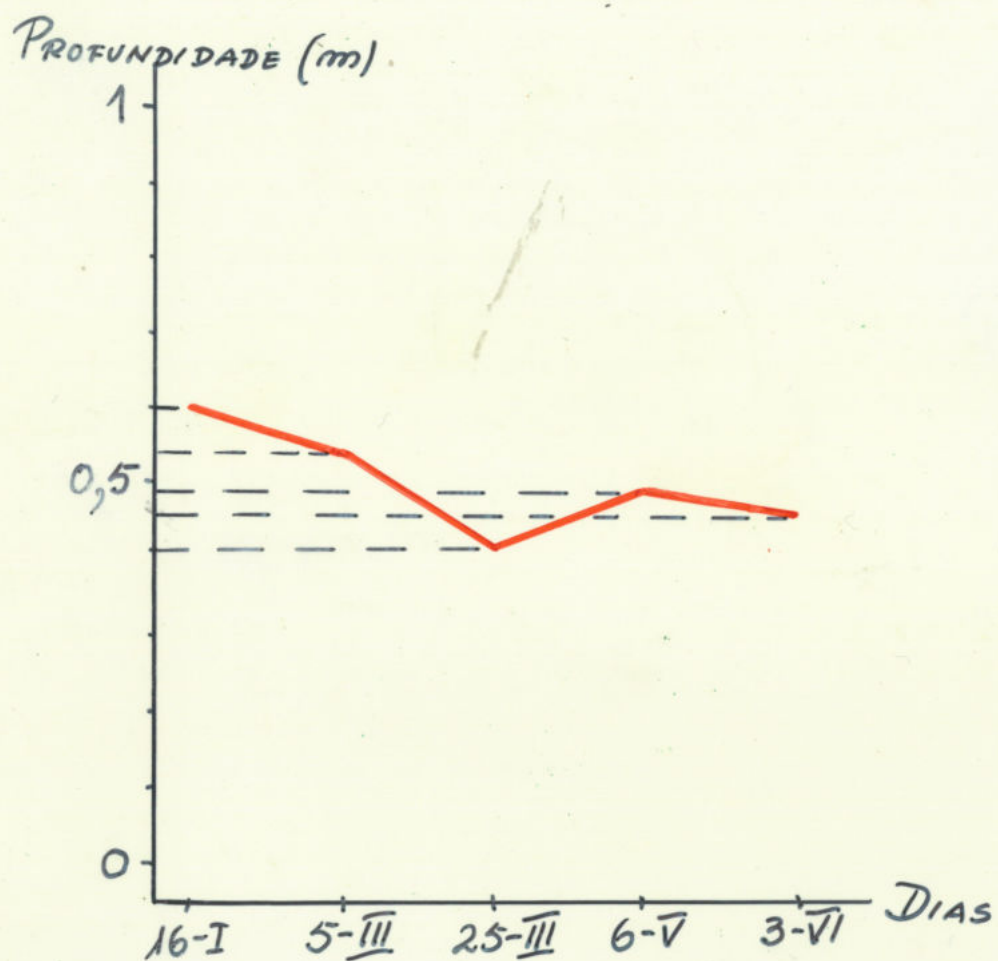
VOLUME



VELOCIDADE



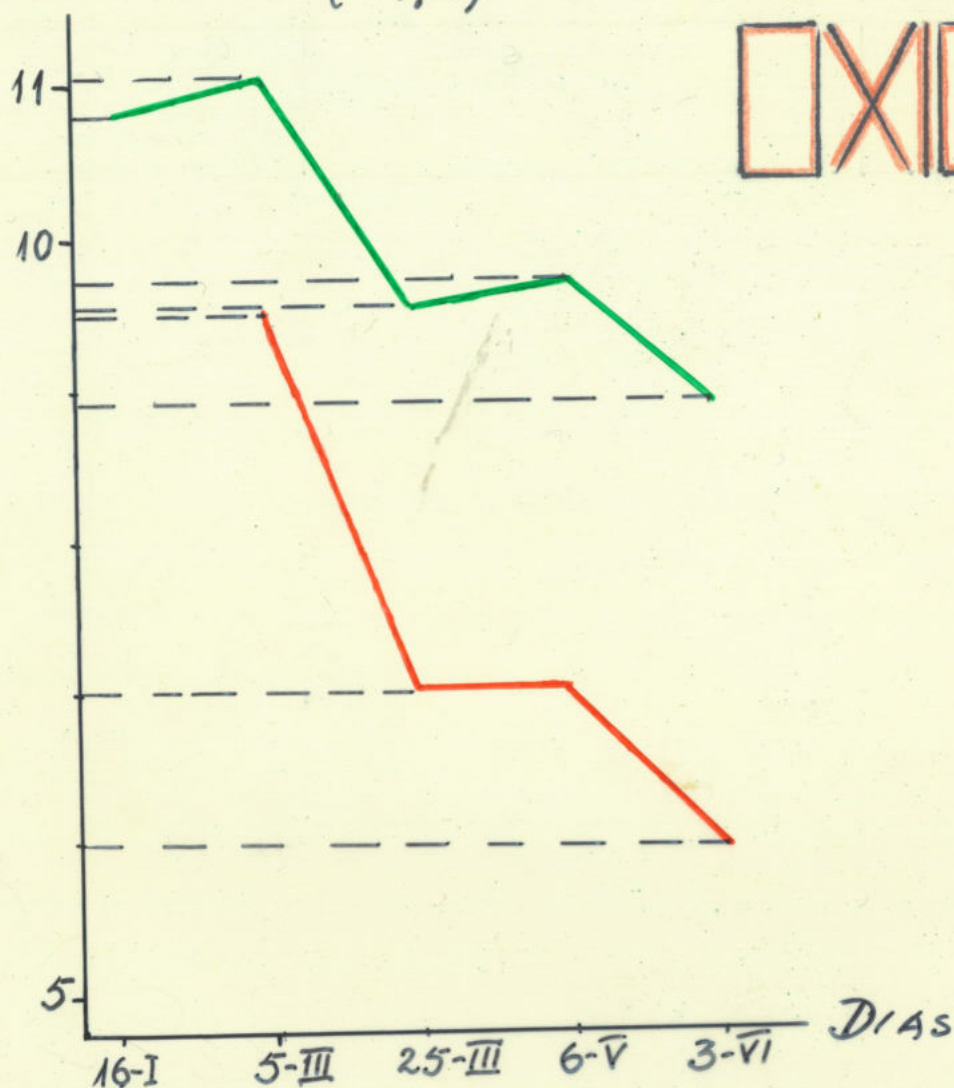
PROFUNDIDADE



QUANTIDADE DE

QUANT. OXIGÊNIO (mg/l)

OXIGÊNIO



NOTA- O gráfico só começa a 5-III porque a leitura de 16-I não foi possível devido à falta de material necessário.

— Quantidade de oxigênio existente na água do rio.

— Quantidade máxima de oxigênio que pode existir na água, à temperatura a que a água se encontrava quando foi feita a análise.

ESTUDO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS AO LONGO DE 4 ANOS

MÊS DE MARÇO

ANOS	TEMPERAT. °C	SEÇÃO m	VELOCID. m/s	PROFUNDID. cm	DÉBITO l/s	Q ₂ DISSOLV. mg/l	NITRITOS mg/l	CLORO mg/l	CÁLCIO mg/l	AMÔNIO mg/l	PH
1988	15,9	17,7	0,214	41,67	877	7,0	-	-	-	-	-
1989	11,2	8,5	0,153	38,8	655,6	9,5	0,05	0,0	13	0,0	7,4
1990	10,0	9,32	0,05	39,04	1731,2	6,9	0,0	0,0	16	0,0	7,5
1991	3,0	8,0	2,0	75,0	3950	7,0	0,0	0,0	12,5	0,0	6,8

ESTUDO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS AO LONGO DE 4 ANOS

MÊS DE MARÇO

ANOS	TEMPERAT. °C	SEÇÃO m	VELOCID. m/s	PROFUNDID. cm	DÉBITO l/s	Q ₂ DISSOLV. mg/l	NITRITOS mg/l	CLOFO mg/l	CÁLCIO mg/l	AMÔNIO mg/l	PH
1988	15,9	17,7	0,214	41,67	877	7,0	-	-	-	-	-
1989	11,2	8,5	0,153	38,8	655,6	9,5	0,05	0,0	13	0,0	7,4
1990	10,0	9,32	0,05	39,04	1731,2	6,9	0,0	0,0	16	0,0	7,5
1991	3,0	8,0	2,0	75,0	3950	7,0	0,0	0,0	12,5	0,0	6,8

ESTUDO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS AO LONGO DE 4 ANOS

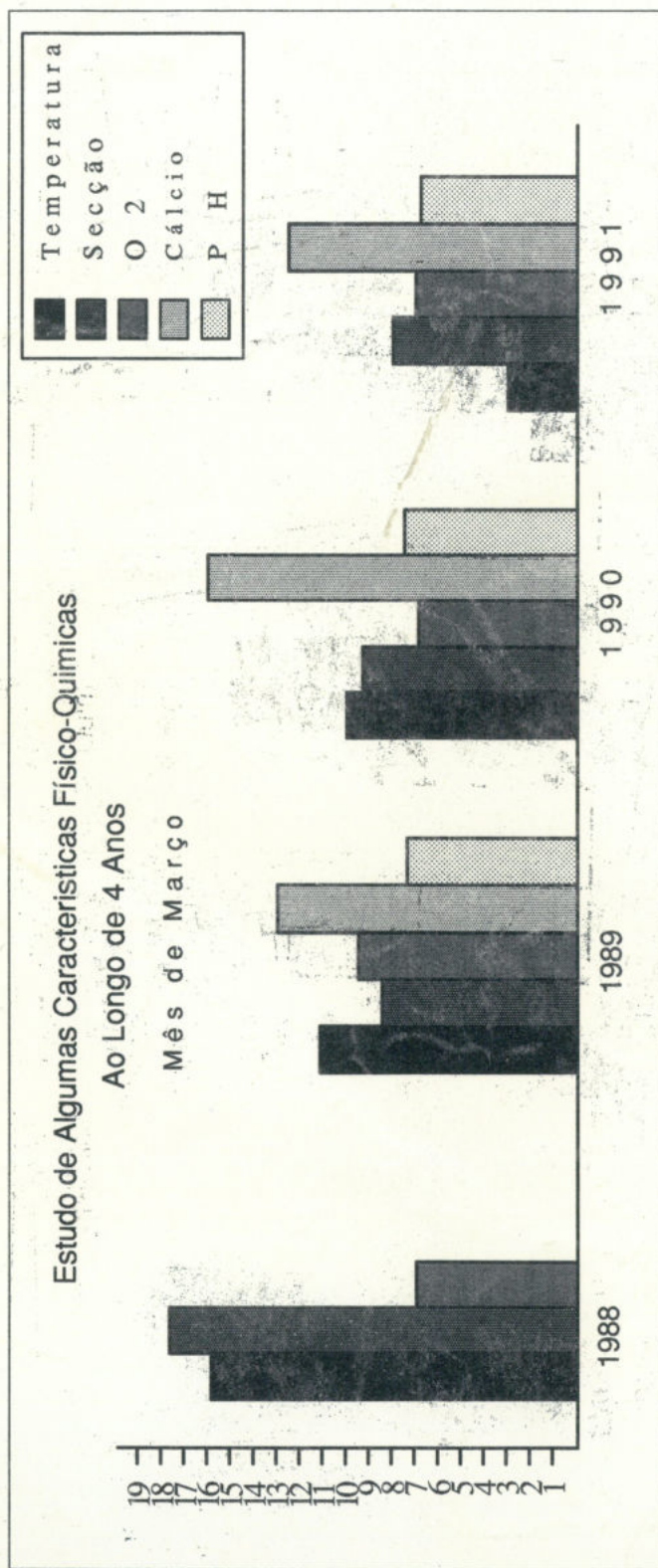
MÊS DE MARÇO

ANOS	TEMPERAT. °C	SECÇÃO m	VELOCID. m/s	PROFUNDID. cm	DÉBITO l/s	Q ₂ DISSOLV. mg/l	NITRITOS mg/l	CLORO mg/l	CÁLCIO mg/l	AMÔNIO mg/l	PH
1988	15,9	17,7	0,214	41,67	877	7,0	-	-	-	-	-
1989	11,2	8,5	0,153	38,8	655,6	9,5	0,05	0,0	13	0,0	7,4
1990	10,0	9,32	0,05	39,04	1731,2	6,9	0,0	0,0	16	0,0	7,5
1991	3,0	8,0	2,0	75,0	3950	7,0	0,0	0,0	12,5	0,0	6,8

ESTUDO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS AO LONGO DE 4 ANOS

MÊS DE MARÇO

ANOS	TEMPERAT. °C	SEÇÃO m	VELOCID. m/s	PROFUNDID. cm	DÉBITO l/s	g ₂ DISSOLV. mg/l	NITRITOS mg/l	CLORO mg/l	CÁLCIO mg/l	AMÔNIO mg/l	PH
1988	15,9	17,7	0,214	41,67	877	7,0	-	-	-	-	-
1989	11,2	8,5	0,153	38,8	655,6	9,5	0,05	0,0	13	0,0	7,4
1990	10,0	9,32	0,05	39,04	1731,2	6,9	0,0	0,0	16	0,0	7,5
1991	3,0	8,0	2,0	75,0	3950	7,0	0,0	0,0	12,5	0,0	6,8



ANOS	TEMPER. °C	SECÇÃO m	VELOCID. m/s	PROFUNDID. cm	DÉBITO l/s	O ₂ DISSOLVIDO mg/l	NITRITOS mg/l	CLORO mg/l	CÁLCIO mg/l	AMÔNIO mg/l	PH
1988	15,9	17,7	0,214	41,67	877	7,0	-	-	-	-	-
1989	11,2	8,5	0,153	38,8	655,6	9,5	0,05	0,0	13	0,0	7,4
1990	10,0	9,32	0,05	39,04	1731,2	6,9	0,0	0,0	16	0,0	7,5
1991	3,0	8,0	2,0	75,0	3950	7,0	0,0	0,0	12,5	0,0	6,8

Bibliografia

"Guia de campo de los anfibios y reptiles de la península Ibérica", Javier Andrada

"Guia de campo de las plantas de Europa", Seidel e Eisenreich

"Guia Blume de la Naturaleza"

"Insectos de España y de Europa", Michael Chinery

"Guia de campo de las aves de España y de Europa"

"Boletim da misericórdia do concelho de Marvão", edição de 1963

— trabalho elaborado por:

Alexandre Ricardo Gonçalves Nunes Videira

Ana Maria Moreira Rodrigues

Helena Cláudia Teó Falcão Neto